

Interditada reserva dos xavantes

Da sucursal de
BRASÍLIA

O presidente da Fundação Nacional do Índio, general Ismarth de Araújo Oliveira, interditou, ontem, a reserva xavante de Pimentel Barbosa. Esta foi a forma encontrada pelo presidente para contornar a revolta dos índios "já que o deslocamento de diversas pessoas para a área só aumentou a agitação dos xavantes". Enquanto isso o clima de tensão e tumulto em que vive a população do município de Barra do Garças poderá ser agravado hoje ou nos próximos dias, pois os xavantes prometem novos ataques às fazendas caso seus proprietários não abandonem as terras pertencentes "legalmente à reserva".

Os xavantes da reserva de Couto Magalhães — que reivindicam uma área limítrofe a sua reserva, alegando que "a região é do índio que precisa da mata para viver de caça" — prometem aliar-se aos de Pimentel Barbosa para "iniciar a guerra", segundo informou ontem

em Brasília o xavante Joãozinho, "A terra é do índio — disse — e como a Funai promete resolver os problemas dos índios e nada faz e os fazendeiros afirmam que vão deixar a área mas não saem, eu sou um cacique guerreiro e vamos lutar pela terra ao lado dos índios de Pimentel Barbosa".

Na reserva de Pimentel Barbosa os índios aguardarão até hoje a chegada dos emissários da Funai — que estão em Brasília tentando uma solução para o caso — decidindo em seguida se vão atacar ou não as fazendas.

"Se eu fosse encarregado de demarcar, hoje, a reserva de Pimentel Barbosa, disse ontem o general Ismarth Oliveira, os limites realmente seriam os que o índio reivindica, porque as terras pleiteadas pelos xavantes têm um valor muito grande para eles e lá, inclusive, está a aldeia velha; a terra para o índio é importante porque lá nasceram e morreram seus antepassados".



Índios esperam solução, mas já escolheram os alvos do próximo ataque

Ameaça dos índios, agora, afeta segurança nacional

ELIANA LUCENA
Enviada especial

O conflito entre índios e fazendeiros na reserva indígena de Pimentel Barbosa, em Barra do Garças (MT), está sendo tratado agora no âmbito do Conselho de Segurança Nacional, dada a proporção que o problema atingiu esta semana. Quinta-feira chegou a Barra do Garças o general Rondon de Oliveira Guimarães, comandante do 13º Batalhão de Infantaria Motorizada, de Cuiabá, que manteve prolongado encontro com os representantes da Funai, sendo informado do quadro de tensão que persiste em toda a região, inclusive na cidade de Barra. Ontem, o diretor do Departamento Geral de Operações da Funai, Gérson Alves, reuniu-se em Cuiabá com o comando do Exército com sede naquela cidade, e hoje dará uma inspeção na área indígena para comunicar aos xavantes os resultados dos entendimentos mantidos em Brasília, entre o ministro do Interior, Rangel Reis, a presidência da Funai e os fazendeiros que ocupam a área de 100 mil hectares que os índios querem retomar.

Chegou também a Barra do Garças o coordenador-geral do Projeto Xavante, Cláudio Romero, que conversará hoje com os índios sobre as soluções apresentadas pelo governo para a retirada dos fazendeiros. De concreto, sabe-se que a Funai não levará hoje para os xavantes a resposta que eles aguardam: a retirada imediata dos fazendeiros que ocupam 25 fazendas na área pretendida pelos índios. Por outro lado, os fazendeiros garantem que só cederão as terras que ocupam se receberem uma indenização justa da Funai, o que significa não só o pagamento pelas benfeitorias mas também pela terra nua. Um deles, Diogo Correa Nunes, afirma que comprou sua fazenda legalmente, recebendo inclusive incentivos da Sudam.

XAVANTES

Na reserva de Pimentel Barbosa, os índios aguardarão até hoje a chegada dos emissários da Funai, decidindo em seguida se vão atacar ou não as fazendas. Uarondi, o cacique, afirmou que, desta vez, escolheram mais três fazendas como alvo, entre elas a do ex-funcionário da Funai, Valdênio Lopes, acusado de ter vendido ilegalmente as terras para os fazendeiros, depois de ter trabalhado na comissão mista Funai — Minter, que em 1975 propôs a liberação da área agora em litígio.

O clima entre os índios, até ontem, era de aparente tranquilidade. Eles apenas deixam claro que não vão adiar a expulsão dos fazendeiros "por mais uma lua". Isto significa que até amanhã todos os fazendeiros deverão abandonar a área. Uarondi, o chefe xavante, fez um longo discurso para os jornalistas que estiveram na reserva acusando a Funai de ter enganado os índios: "A Funai nos deu carne e muitas cabeças de gado, e nós pensamos que era um presente. Depois ficamos sabendo que era o pagamento pela terra que foi dada aos fazendeiros".

Ao anunciar as próximas fazendas que serão atacadas —

além da que pertence a Valdênio Lopes, teriam prioridade a da União de Táxis Aéreos-UTA, e a fazenda do Gervásio — Uarondi garantiu que os índios estão armados com espingardas, bordunas e flechas.

Os funcionários da Funai em Barra do Garças ficaram irritados com a presença de jornalistas na área indígena, afirmando que cada avião que pouso em Pimentel deixa os índios mais tensos, "pois eles estão com medo de que os fazendeiros possam jogar bombas na aldeia, segundo um boato que corre entre eles". O encarregado da reserva, Ismael Leitão, que conhece os xavantes há mais de 30 anos, disse que a reação dos índios em relação aos últimos acontecimentos "é imprevisível".

"Na minha opinião — afirmou o sertanista —, o índio jamais se integrará em nossa sociedade. Por isso, é muito difícil prever a sua reação. Ele apenas nos imita com perfeição, mas sempre todas as decisões são tomadas a nível tribal. Posso dizer apenas que hoje eles estão tranquilos e plantam as suas roças, enquanto aguardam uma decisão da Funai."

Ismael desmentiu as acusações de que funcionários da Funai estariam insuflando os índios contra os fazendeiros: "Não somos marginais — disse. E nosso trabalho está voltado para ajudar o índio e o próprio fazendeiro, evitando o confronto mais grave. Segurar os índios, no entanto, tem sido uma tarefa difícil, pois a solução para o impasse criado está demonstrando muito."

Colonos só temem fazendeiros

Em Matinha, povoado a 70 quilômetros da reserva, uma guarnição de 32 soldados da Polícia Militar está de prontidão para evitar qualquer conflito dentro da área urbana. A população local — cerca de 200 famílias — foi aumentada nas últimas semanas com a chegada dos posseiros e colonos que fugiram das fazendas atacadas no início do mês. Matinha vive de boatos, pois seus habitantes estão praticamente ilhados com a interdição das estradas pelas fortes chuvas que caem em todo o município de Barra do Garças.

Apesar do medo de novos ataques, as famílias que se refugiaram em Matinha não falam com mágoa dos índios. Elas têm mais queixas contra os fazendeiros, que impõem um regime de trabalho "desumano", como afirmaram vários colonos. A denúncia é confirmada pelo representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Matinha, Eufrázio Bueno.

Alguns ex-ocupantes da área indígena, como Aureliano Lima, que atualmente tem um bar em Matinha, afirmam que

os posseiros que viviam na reserva indígena só passaram a ter problemas com os índios a partir da chegada dos fazendeiros, em 1972. "Vivi com minha família durante 13 anos na terra dos índios xavantes. Apenas uma vez, em 1982, eles nos atacaram. Depois ficamos amigos e durante uma prolongada estação de chuvas eles até nos sustentaram com mandioca, pois não tínhamos qualquer alimento em casa."

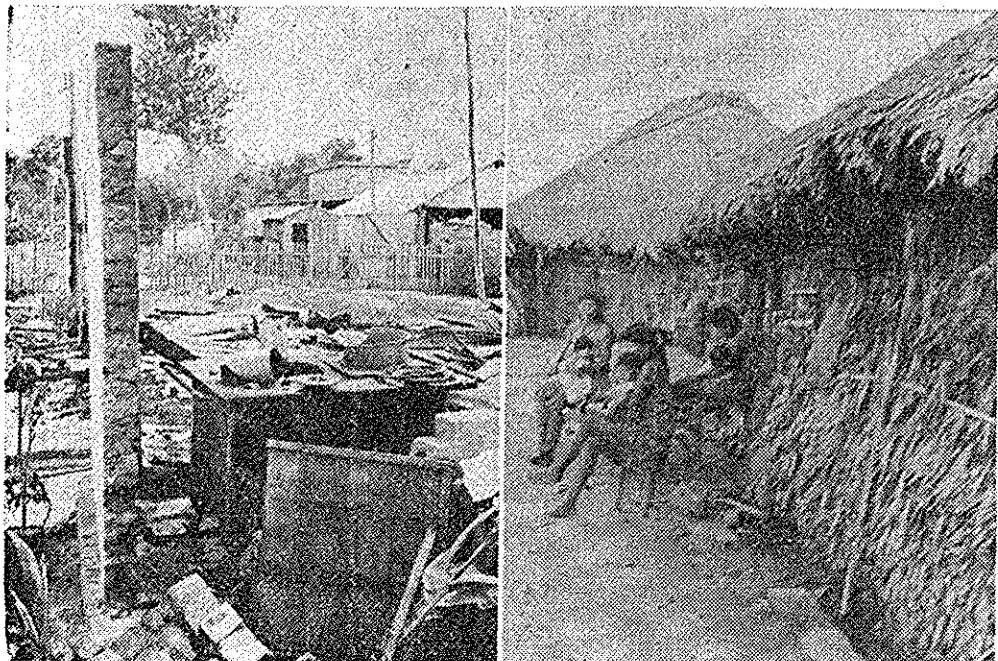
Em Matinha há informações de que as quatro fazendas atacadas no início do mês — Canoa, Caçula, Real e Acereré — já foram reativadas por seus proprietários, que estão enfrentando dificuldades para recrutar novos empregados. Juarez Euripedes, por exemplo, convocado pelo proprietário da fazenda Canoa, afirma que não quer mais voltar para a área em conflito. "Não que eu tenha medo — garantiu. Mas com mulher e filhos é melhor ir ficando por aqui mesmo."

O destacamento da PM de Mato Grosso que permanece em Matinha, por enquanto, tem

instrução de proteger apenas a localidade, evitando que os reflexos do conflito atinjam a população. Seus integrantes também têm recebido poucas informações sobre a movimentação dos índios e dos fazendeiros. Estes chegam a afirmar que os jornais têm ajudado a incitar os índios para a luta.

Diogo Correa Nunes, proprietário de quatro fazendas que somam 20 mil hectares na área disputada pelos índios, disse que os fazendeiros mantiveram esta semana um encontro com o ministro Rangel Reis, que lhes teria garantido conseguir uma solução razoável para a questão. "Na minha opinião, o governo não mudará os limites da reserva, pois todos os fazendeiros dispõem de títulos definitivos de propriedade." Disse, ainda, que na reunião não se tratou de desapropriação dessas terras, que custaria à União cerca de 250 milhões de cruzeiros, segundo cálculos extra-oficiais.

O ministro pediu ainda aos fazendeiros que procurassem evitar ameaças e pressões sobre os índios.



Depois da destruição, a calma, de ambos os lados, é apenas aparente